

MIGRAÇÃO INTERNA E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO NO BRASIL A PARTIR DE UMA CRÍTICA HISTÓRICO-ESTRUTURAL

INTERNAL MIGRATION AND SOCIOECONOMIC DEVELOPMENT IN BRAZIL FROM A HISTORICAL-STRUCTURAL CRITIQUE



<https://doi.org/10.22228/rtf.v18i1.1427>

Isac Alves Correa



Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9495-2325>



E-mail: isc.correia49@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa a relação entre migração interna e desenvolvimento no Brasil, com foco nos migrantes oriundos do Nordeste. A análise integra abordagens econômicas e sociológicas da migração, ressaltando desafios como barreiras culturais, discriminação e a necessidade de políticas públicas mais inclusivas. Os resultados evidenciam que os fluxos migratórios internos refletem e reforçam desigualdades regionais e no mercado de trabalho, associadas a fatores estruturais e culturais. Por outro lado, as remessas e os impactos positivos da migração podem contribuir para a redução das disparidades econômicas, favorecendo a redistribuição da população e da força de trabalho no território nacional.

Palavras-chaves: Migração Interna, Desenvolvimento, Demografia Econômica

Abstract: This article examines the relationship between internal migration and development in Brazil, focusing on migrants from the Northeast. The analysis integrates economic and sociological approaches to migration, highlighting challenges such as cultural barriers, discrimination, and the need for more inclusive public policies. The findings show that internal migration flows both reflect and reinforce regional and labor market inequalities, which are linked to structural and cultural factors. On the other hand, remittances and the positive impacts of migration can help reduce economic disparities, promoting the redistribution of population and workforce across the national territory.

Keywords: Internal Migration, Development, Economic Demography

1. Introdução

A relação entre migração interna e desenvolvimento no Brasil tem despertado grande interesse em diversas disciplinas, como economia, demografia e sociologia. A migração interna é um fenômeno que gera impactos sociais significativos, especialmente em países em desenvolvimento. Desde o despovoamento de certas regiões até a alta densidade populacional em outras, além da proliferação de empregos precários, torna-se

essencial compreender como esses deslocamentos se relacionam com os estudos sobre desenvolvimento econômico, bem como investigar seus fatores determinantes¹.

Este artigo tem como objetivo principal explorar o nexo entre migração interna e desenvolvimento econômico no Brasil, fundamentando-se em abordagens teóricas das ciências econômicas e sociais. Essas perspectivas englobam abordagens diversas que oferecem visões complementares sobre o papel desempenhado pela migração interna na dinâmica econômica e social.

Nesse contexto, busca-se analisar o papel dos migrantes internos de data-fixa² oriundos do Nordeste como um recurso valioso para o crescimento econômico, a mudança social e a diversidade cultural em diferentes regiões do Brasil³. Para tanto, os censos demográficos de 1991 a 2010⁴ são utilizados como fontes de dados. Reconhece-se que os migrantes trazem consigo habilidades, conhecimentos e experiências que podem impulsionar a produção, a inovação e a geração de riqueza nas áreas de origem e destino.

No entanto, a migração interna também enfrenta desafios, como barreiras culturais, discriminação e desigualdades regionais. Portanto, este artigo discute a importância de políticas inclusivas e de integração social para promover um desenvolvimento equitativo, garantindo que os benefícios da migração sejam compartilhados por todos os indivíduos e comunidades envolvidos.

Ao abordar o nexo entre migração interna e desenvolvimento sob uma perspectiva teórica, este artigo visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos mecanismos subjacentes a essa relação complexa. Essa análise permitirá identificar os principais fatores impulsionadores e as consequências socioeconômicas da migração interna, fornecendo subsídios para a formulação de políticas mais eficazes.

Desse modo, é importante ressaltar que o contexto brasileiro, apesar de não apresentar barreiras legais à migração interna, é caracterizado por significativas desigualdades regionais e uma ampla diversidade cultural. Compreender as implicações da

¹ FERREIRA, Assuéro. Migrações internas e subdesenvolvimento. Uma discussão. *Revista de Economia Política*, v. 06, n. 1 (21), p 101-129, 1986.

² O município de residência na data de referência do censo deve ser diferente do município de residência em uma data fixa, que corresponde à “residência em 1 de setembro de 1986” no caso do Censo Demográfico de 1991, “residência em 31 de julho de 1995” no caso do Censo Demográfico de 2000 e a “residência em 31 de julho de 2005” para o Censo Demográfico de 2010. Em ambos os casos excluíram-se os indivíduos com idade inferior a 5 anos e também aqueles migrantes cujo tempo de residência no município atual fosse menor que 5 anos (GARCIA, 2015; BAPTISTA et al, 2017).

³ GARCIA, Ricardo A. A mensuração da migração de data-fixa no Brasil com base nos censos demográficos: dificuldades e inconsistências. *Cadernos do Leste*, v. 15, n.15, p. 42-51, 2015. BAPTISTA, Emerson A. et al. Migração de retorno no Brasil. *Mercator*, v. 16, e16010, 2017.

⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 1991*. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

migração interna para o desenvolvimento é fundamental para promover a coesão social, reduzir as disparidades regionais e construir uma sociedade mais inclusiva e justa.

Além desta breve introdução, este artigo está estruturado da seguinte forma: na seção seguinte, será apresentada uma revisão da literatura sobre migração interna e as suas inter-relações com as perspectivas teóricas da migração na Ciência Econômica e nas Ciências Sociais; em seguida, serão discutidos os principais fatores que impulsionam a migração interna no Brasil e suas consequências socioeconômicas; por fim, serão apresentadas as considerações finais, ressaltando a importância da compreensão dessa relação para o desenvolvimento econômico do país.

2. Perspectivas teóricas das migrações internas e as suas inter-relações

A teoria econômica, tanto macroeconômica quanto microeconômica, exerce forte influência sobre as interpretações das migrações⁵. Por exemplo, no contexto da migração interna, podemos considerar que a força de trabalho migrante é um elemento crucial no desenvolvimento das regiões receptoras. Os migrantes trazem consigo habilidades e experiências que podem impulsionar a produção e a geração de riqueza nas novas localidades⁶.

Desde os estudos pioneiros de Ravenstein⁷ e Lee⁸, houve um interesse em compreender as características individuais dos migrantes, como educação e renda, mas com ênfase nos fatores econômicos em detrimento de outros. Ravenstein⁹ argumentava que os desequilíbrios regionais eram o motor das migrações, onde os indivíduos buscavam melhorar suas condições materiais ao oferecer sua mão de obra nos grandes centros industriais. Nessa perspectiva, atributos individuais como educação, idade e sexo eram considerados importantes.

Por sua vez, Lee destacava que o deslocamento do indivíduo ocorria quando havia um saldo positivo em seu favor, considerando os fatores de expulsão, atração e neutros tanto no local de origem quanto no destino do migrante¹⁰. Essa abordagem reconhecia a

⁵ SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: SINGER, P. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973. SINGER, Paul. *Curso de introdução à economia política*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1994.

⁶ SCHULTZ, Theodore W. Investment in human capital. *Am. Econ. Rev.*, v. 51, n. 1, p. 1-17, 1961. SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia-Revista do Migrante*, n. Especial, p. 7-10, 2000.

⁷ RAVENSTEIN, Ernst G. The laws of migration. *J. Stat. Soc. Lond.*, v. 52, n. 2, p. 241-305, 1889.

⁸ LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (org.). *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, p. 89-114, 722p., 1966.

⁹ RAVENSTEIN, Ernst G. The laws of migration. *J. Stat. Soc. Lond.*, v. 52, n. 2, p. 241-305, 1889.

¹⁰ LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (org.). *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, p. 89-114, 722p., 1966.

importância não apenas dos fatores econômicos, mas também de outros elementos que influenciavam a decisão de migrar. Assim, esses estudos iniciais enfatizaram a relevância dos fatores econômicos nas migrações, mas também ressaltaram a importância de considerar outros fatores, como os aspectos sociais, demográficos e contextuais, para entender de forma mais abrangente os padrões e as motivações das migrações individuais.

Dentro da perspectiva microeconômica neoclássica, o fenômeno migratório retoma os estudos de Ravenstein¹¹ como resultado de estímulos locais¹², frequentemente mencionados por Lee como fatores push e pull¹³. Sob essa ótica da Teoria Microeconômica Neoclássica, os Novos Economistas da Migração e do Trabalho (NELM) assumem o pressuposto de que os indivíduos são racionais e possuem informações precisas e prévias sobre os locais de origem e destino. Dessa forma, eles avaliam os custos e benefícios associados à decisão de migrar ou permanecer e, assim, a migração pode ser vista como uma escolha pessoal para ajustar as condições de vida quando os ganhos superam os custos envolvidos¹⁴.

Essas abordagens, nesse aspecto, demonstram uma preocupação em destacar a importância da migração como uma questão de produtividade do trabalho. A perspectiva microeconômica neoclássica enfatiza que os indivíduos migram em busca de melhores oportunidades econômicas, visando aumentar sua produtividade e, conseqüentemente, sua renda. Ao analisar os estímulos locais, como fatores push e pull, os estudos ressaltam a busca por condições de trabalho mais favoráveis e remuneração mais alta como motivadores-chave para a decisão de migrar¹⁵.

Os migrantes, de acordo com essa lógica, buscam locais onde suas habilidades e conhecimentos possam ser mais valorizados e, conseqüentemente, gerem um retorno econômico maior¹⁶. A decisão de migrar, nessa perspectiva, é influenciada pela percepção

¹¹ RAVENSTEIN, Ernst G. The laws of migration. *J. Stat. Soc. Lond.*, v. 52, n. 2, p. 241–305, 1889.

¹² LEWIS, William A. Economic development with unlimited supplies of labor. *Manch. Sch.*, v. 22, p. 139–191, 1954. RANIS, Gustav; FEI, John C. H. A theory of economic development. *Am. Econ. Rev.*, v. 51, n. 4, p. 533–65, 1961. MASSEY, Douglas. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. *Popul. Index*, v. 56, n. 1, p. 3–26, 1990. BECKER, Gary S. *Human capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education*. New York: National Bureau of Economic Research; distributed by Columbia University Press, 1964.

¹³ LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (org.). *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, p. 89–114, 722p., 1966.

¹⁴ TODARO, Michael P. A model of labor migration and urban unemployment in less developed countries. *Am. Econ. Rev.*, v. 59, n. 1, p. 138–48, 1969. STARK, Oded; BLOOM, David E. The new economics of labor migration. *Am. Econ. Rev.*, v. 75, n. 2, p. 173–78, 1985.

¹⁵ MASSEY, Douglas. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. *Popul. Index*, v. 56, n. 1, p. 3–26, 1990.

¹⁶ SCHULTZ, Theodore W. Investment in human capital. *Am. Econ. Rev.*, v. 51, n. 1, p. 1–17, 1961. SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia-Revista do Migrante*, n. Especial, p. 7-10, 2000.

de que sua força de trabalho terá um valor monetário superior em outra localidade, impulsionando o deslocamento em busca de uma remuneração mais alta e melhores condições econômicas¹⁷. Assim, a abordagem dos NELM se alinha à teoria do valor ao considerar o papel central do valor econômico na tomada de decisão dos migrantes.

Outras abordagens também se concentraram em questões como a produtividade marginal e os diferenciais de salários entre trabalhadores rurais e urbanos, com raízes no modelo dual de Lewis (1954). De acordo com a visão geral dos autores, a migração de mão de obra do campo para a cidade é considerada uma força compensatória para o desemprego urbano. Nessa perspectiva, enquanto houver a expectativa de que os salários urbanos sejam mais altos em comparação com os salários agrícolas, a migração rural-urbana continuará ocorrendo, mesmo em situações de elevado desemprego nas áreas urbanas. Essa dinâmica reflete a percepção de que, apesar do desemprego urbano ser alto, as oportunidades e recompensas econômicas oferecidas nas cidades ainda são atrativas para os migrantes em busca de melhores condições de vida e maiores ganhos salariais. Assim, a migração de mão de obra do campo para a cidade desempenha um papel de equilíbrio ao suprir demandas por trabalho e permitir que os migrantes busquem melhores oportunidades, mesmo em um contexto de desemprego urbano significativo.

De acordo com o modelo de Harris e Todaro¹⁸, as áreas rurais têm uma taxa de natalidade mais alta, levando a uma maior necessidade de trabalhadores mudarem das fazendas para a indústria, o que cria uma força que afasta o sistema do equilíbrio estático. O diferencial salarial é necessário para superar os atritos da mudança para um emprego urbano e, mesmo com o aprimoramento do conhecimento e treinamento dos trabalhadores rurais, o diferencial salarial não pode ser eliminado¹⁹.

Enquanto persistir a expectativa de um aumento salarial nas áreas urbanas em relação às áreas rurais, a migração de mão de obra do campo para a cidade continuará existindo, mesmo em situações de elevado desemprego urbano. Isso significa que, mesmo quando há altos índices de desemprego nas áreas urbanas, a busca por melhores oportunidades de emprego e salários mais altos nas cidades ainda motiva a migração de trabalhadores do setor agrícola para o setor urbano. Essa tendência reflete a percepção dos migrantes de que, mesmo com o risco de desemprego urbano, as oportunidades e

¹⁷ SJAASTAD, Larry A. The costs and returns of human migration. *J. Polit. Econ.*, v. 70, n. 5, p. 80–93, 1962; LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (org.). *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, p. 89–114, 722p., 1966. STARK, Oded; BLOOM, David E. The new economics of labor migration. *Am. Econ. Rev.*, v. 75, n. 2, p. 173–78, 1985.

¹⁸ HARRIS, John R.; TODARO, Michael P. Migration, unemployment & development: a two-sector analysis. *Am. Econ. Rev.*, v. 60, n. 1, p. 126–42, 1970.

¹⁹ HAGEN, Everett E. An economic justification of protectionism. *Quart. J. Econ.*, v. 72, n. 4, p. 496–514, 1958.

recompensas econômicas oferecidas pelas áreas urbanas são superiores às disponíveis no meio rural²⁰.

Nesse aspecto, a existência de diferenças salariais entre países ou regiões pode ser uma justificativa para a implementação de políticas protecionistas, pois essas políticas podem ajudar a proteger os trabalhadores nacionais ou nativos da região contra a concorrência dos trabalhadores estrangeiros que recebem salários mais baixos²¹. Embora esse modelo sugira que as diferenças salariais entre países podem justificar políticas, os autores ignoram questões humanitárias, culturais e circunstâncias individuais que podem influenciar tanto as políticas migratórias quanto a tomada de decisões.

Singer²², em sua visão histórico-estrutural das migrações, argumenta que as causas são sempre as desigualdades regionais. O Brasil é um país de grandes desigualdades regionais, com disparidades significativas em termos de desenvolvimento econômico e social entre diferentes regiões, inclusive no que diz respeito à estrutura fundiária. Essa perspectiva pode ajudar a entender essas desigualdades ao considerar a distribuição desigual dos fatores de produção, como terra, trabalho e capital, entre as regiões. A migração interna, desse modo, pode ocorrer como uma resposta a essas disparidades, à medida que as pessoas buscam melhores oportunidades econômicas em regiões mais desenvolvidas.

Portanto, essa visão defende que é essencial levar em consideração não apenas os fatores de expulsão e atração, mas também as condições sociais que influenciam esse processo. Nessa perspectiva, a migração é compreendida como a mobilidade dos trabalhadores e uma resposta a um problema social subjacente. Isso significa que a migração não é apenas uma questão individual, mas também uma manifestação de desafios socioeconômicos mais amplos que afetam determinadas regiões²³.

Ao reconhecer a natureza social da migração, é possível abordar suas causas de forma mais abrangente e buscar soluções que visem reduzir as desigualdades regionais e melhorar as condições de vida para todos os envolvidos. Singer²⁴ destaca, dentre outros aspectos, o aumento de indivíduos em situações precárias em regiões de origem das migrações, com ocupações em atividades informais como os carroceiros. Esse modelo teórico e analítico histórico-estrutural também leva em consideração a noção de

²⁰ HARRIS, John R.; TODARO, Michael P. Migration, unemployment & development: a two-sector analysis. *Am. Econ. Rev.*, v. 60, n. 1, p. 126–42, 1970.

²¹ HARRIS, John R.; TODARO, Michael P. Migration, unemployment & development: a two-sector analysis. *Am. Econ. Rev.*, v. 60, n. 1, p. 126–42, 1970.

²² SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: SINGER, P. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

²³ *Idem*.

²⁴ *Ibidem*.

sentimento de *privação relativa* dos domicílios sem emigrantes em relação aos domicílios com emigrantes nas regiões de origem que recebem remessas²⁵. Assim, a migração contribuiria para o aumento da desigualdade social e diferenças entre as classes também tanto nas regiões de destino quanto na origem²⁶.

Outra questão relevante da perspectiva histórico-estrutural é que a força de trabalho no setor industrial tem diminuído nos países capitalistas, enquanto a alocação setorial da mão de obra se concentra cada vez mais nos serviços. Em países e regiões onde os setores de serviços têm maior relevância, essa proporção pode ser ainda mais acentuada. Como há uma tendência de migração da inserção laboral em direção às atividades de serviço, esse problema apresenta perspectivas de se agravar ainda mais. Um desses agravos é que o critério fundamental para o trabalho ser considerado produtivo é a geração direta de mais-valia²⁷. Nesse contexto, Marx²⁸ faz conclusões um tanto contundentes. Primeiro, ele destaca a importância da subordinação real, na qual os diversos agentes do processo de trabalho direto são entendidos como um trabalhador coletivo, incluindo diretores, engenheiros, técnicos e capatazes. Mesmo que esses agentes não estejam envolvidos diretamente na execução física do trabalho, eles são considerados produtivos por fazerem parte desse grupo, o trabalhador coletivo. A segunda conclusão é que não basta ser um trabalhador assalariado para ser considerado produtivo. É necessário gerar diretamente mais-valia²⁹.

Para Marx³⁰, em princípio, esse trabalho nos chamados setores de serviços é considerado improdutivo. Essa afirmação se baseia na relação estabelecida, que é uma relação entre trabalho trocado por dinheiro e não trabalho trocado por capital. Os serviços permanecem no âmbito dos valores de uso e são consumidos como tal, não atendendo ao critério de gerar diretamente mais-valia. Marx³¹ argumenta que, portanto, esses trabalhos não são produtivos e seus executores não são trabalhadores produtivos. No entanto, é importante ressaltar que a mesma atividade profissional pode ser considerada produtiva quando organizada como uma exploração do trabalho vivo por um indivíduo ou empresa, ou improdutivo quando se trata simplesmente da troca de serviços por dinheiro, como

²⁵ SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: SINGER, P. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

²⁶ MASSEY, Douglas. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. *Popul. Index*, v. 56, n. 1, p. 3–26, 1990.

²⁷ DAL ROSSO, Sadi. Teoria do valor e trabalho produtivo no setor de serviços. *Caderno CRH*, v. 27, n. 70, p. 75–89, 2014.

²⁸ MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

²⁹ *Idem*.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*.

muitos profissionais liberais e científicos que trabalham de forma autônoma³². Nesse aspecto, uma série de atividades, inclusive destinadas ao cuidado, tais como empregadas domésticas seriam consideradas como improdutivas.

Portes³³, por sua vez, argumenta que é improvável que a imigração tenha provocado uma transformação na estrutura de classes dos Estados Unidos da América (EUA), por exemplo. Então, provavelmente, o poder de mudança social da migração não está somente nos três quesitos destacados por Portes³⁴ (número, tempo e composição), tendo em vista a permanência da imigração para os EUA em termos de quantidade de indivíduos envolvidos, tempo de duração e composição por classe. O mesmo aspecto pode ser explorado para a Europa, uma vez que a literatura tem apontado algumas mudanças sociais, mas os pilares fundamentais dessa sociedade continuam inalterados.

Essa transformação na sociedade que é provocada pela migração atua de baixo para cima, afetando a oferta de mão de obra, demanda por serviços públicos e habitação. No entanto, as instituições que refletem uma estrutura de poder atuam sobre o processo de assimilação e faz com que esses indivíduos se adequem aos moldes culturais e sociais no destino. As instituições na origem, portanto, são uma forma de manter as hierarquias de poder e limitar as modificações das migrações na estrutura da sociedade. Esses fluxos, assim, tendem a reforçar a estrutura social vigente na origem. As minorias de grupos étnicos marginalizados enfraquecem a relação entre mudança social e migração devido à dificuldade de assimilação não criar incentivos a novos movimentos populacionais. Isso vale para as regiões emissoras desses fluxos migratórios³⁵.

Um exemplo que Portes³⁶ utiliza para justificar a sua posição em relação às mudanças sociais da migração é o envio de remessas por indivíduos migrantes para suas famílias na origem. A migração, nesse caso, ao invés de contribuir para equalizar as desigualdades, acentua os processos de exclusão e mantém as estruturas de poder preexistentes. Isso porque a migração é seletiva na origem. Por outro lado, dentre os benefícios sociais positivos, o autor destaca que para regiões de origem dos migrantes existe a possibilidade das remessas sociais com a transferência de conhecimento, habilidades técnicas, dentre outros fatores. Ele destaca, ainda, que o poder de mudança social da migração é claro irá depender do *número* de indivíduos envolvidos no processo, *tempo* de duração e da sua *composição* por classe.

³² MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

³³ PORTES, Alejandro. Migration and social change: some conceptual reflections. *J Ethn Migr Stud*, v. 36, n. 10, p. 1537–63, 2010.

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

Outras perspectivas não menos importantes destacam o papel das redes sociais, aspectos legais e de assimilação e adaptação dos migrantes nas regiões de destino. A acessibilidade das redes de migrantes torna a migração laboral uma estratégia atrativa de diversificação de riscos. Essas estratégias são uma forma das famílias (e não só dos indivíduos) para se protegerem de riscos e aproveitar oportunidades econômicas e aumentar o bem-estar³⁷. A estratégia consiste em alocar a mão de obra familiar em atividades produtivas de diferentes locais. Assim, as oscilações e descontinuidades do mercado são ameaças adaptáveis às estratégias de mobilidade dessa população³⁸.

Inevitavelmente, todos os migrantes têm que se adaptar às novas circunstâncias e estabelecer novos laços sociais. No contexto do Brasil, não há restrições legais à mobilidade interna, mas em alguns países, tanto os migrantes internos quanto os internacionais podem enfrentar restrições, como é o caso da China. Os migrantes internos podem se deparar com desafios significativos relacionados a diferenças culturais e discriminação, muitas vezes enfrentando obstáculos mais intensos do que os grupos de imigrantes³⁹.

Massey⁴⁰ já havia destacado que a atuação de contextos institucionais é importante, podendo exercer estímulos sobre as decisões das famílias e indivíduos. O que se espera é que esses processos intensifiquem as migrações, o que é conhecido como *causação circular cumulativa*⁴¹. Nesse sentido, a migração é adotada no nível do domicílio como uma estratégia de diversificar a renda da família, contudo, as decisões interagem com estruturas sociais mais amplas, decisões individuais e familiares e níveis micro, meso e macro de análises, além de relacionar causas e consequências no tempo e no espaço⁴².

Com base na perspectiva da causação circular cumulativa de Myrdal⁴³ e do *ciclo vicioso da pobreza* de Nurkse⁴⁴, é possível chegar a pelo menos duas implicações para as migrações internas e sua relação com o desenvolvimento econômico. A primeira é que as migrações internas seriam o resultado da pobreza, em um processo disfuncional em que os

³⁷ STARK, Oded; BLOOM, David E. The new economics of labor migration. *Am. Econ. Rev.*, v. 75, n. 2, p. 173–78, 1985.

³⁸ MASSEY, Douglas. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. *Popul. Index*, v. 56, n. 1, p. 3–26, 1990.

³⁹ BROWN, Susan K.; BEAN, Frank D. Conceptualizing migration: from internal/international to kinds of membership. In: WHITE, M. *International handbook of migration and population distribution*. New York: Springer, p. 91–106, 2016.

⁴⁰ MASSEY, Douglas. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. *Popul. Index*, v. 56, n. 1, p. 3–26, 1990.

⁴¹ MYRDAL, Gunnar. *Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1968.

⁴² MASSEY, Douglas. Social structure, household strategies, and the cumulative causation of migration. *Popul. Index*, v. 56, n. 1, p. 3–26, 1990.

⁴³ MYRDAL, Gunnar. *Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1968.

⁴⁴ NURKSE, Ragnar. *Problemas da formação de capital em países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957.

indivíduos de regiões pobres migram para regiões ricas em busca de melhorias das suas condições e, como consequência, acentuariam as suas condições de sobrevivência precária, contribuindo para um processo cumulativo. Os efeitos regressivos de Myrdal tenderiam a concentrar a renda, o investimento e as oportunidades produtivas nas regiões já desenvolvidas, enquanto as regiões de origem dos migrantes sofreriam com a perda de capital humano, a retração da demanda local e a redução da base tributária, aprofundando o hiato inter-regional.

A segunda implicação é que, pela ótica do ciclo vicioso da pobreza de Nurkse, a saída de trabalhadores de regiões menos desenvolvidas enfraquece o potencial de formação de capital físico e humano local, reduzindo a produtividade e a capacidade de poupança, o que retroalimenta a escassez de investimentos e perpetua a estagnação. Ao mesmo tempo, a chegada desses migrantes às regiões mais dinâmicas, sem a devida absorção pelo setor moderno e com concentração em ocupações precárias, reforça a informalidade, a segmentação do mercado de trabalho e a reprodução da pobreza no espaço urbano. Assim, tanto para Myrdal quanto para Nurkse, a migração interna, longe de promover um equilíbrio territorial, tende a consolidar as disparidades estruturais, transformando-se em um mecanismo de reprodução do subdesenvolvimento.

Esse processo foi agravado pela inadequação tecnológica que marcou a industrialização brasileira, caracterizada pela importação de um padrão tecnológico poupador de mão de obra, concebido para economias centrais com mercados de trabalho e estruturas salariais muito diferentes das existentes no país⁴⁵. Como observa Souza⁴⁶, ao adotar tecnologias de base capital-intensiva, o Brasil reduziu a capacidade de absorção da força de trabalho disponível, especialmente daquela proveniente do êxodo rural. Furtado⁴⁷ já alertava que, ao importar modelos industriais sem adaptá-los às especificidades nacionais, reproduzia-se internamente uma estrutura produtiva heterogênea e excludente, na qual o setor moderno convivia com vastos contingentes de trabalhadores subempregados ou marginalizados. Essa incompatibilidade entre o padrão tecnológico e a oferta de mão de obra agravou a migração campo-cidade e reforçou a formação de um mercado de trabalho segmentado e de baixa inclusão social, aprofundando, assim, as desigualdades estruturais que o país já carregava historicamente.

Myrdal argumenta que quanto mais se conhece a maneira como os fatores se inter-relacionam, maior seria a capacidade de alcançar bons resultados em termos de política, em especial aquelas que tivessem como pretensão alterar o sistema social. Algo que, no

⁴⁵ FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

⁴⁶ SOUZA, Nali Jesus. *Desenvolvimento Econômico*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

⁴⁷ FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

contexto dos países subdesenvolvidos, requer mudanças de grande alcance. Assim sendo, a segunda implicação é que conhecer as inter-relações entre os fatores auxiliaria a potencializar e a canalizar de forma mais eficaz os efeitos positivos ao desenvolvimento, facilitando a tarefa de superação do subdesenvolvimento⁴⁸.

Por outro lado, diversos estudos sobre seletividade migratória têm enfatizado o papel que a migração interna pode desempenhar no desenvolvimento das regiões receptoras, uma vez que traz consigo um aumento da mão de obra, diversidade cultural e conhecimentos diversos⁴⁹. Nesse contexto, o trabalho dos migrantes pode contribuir para aumentar a produção e o desenvolvimento econômico nas regiões receptoras.

Portanto, é importante ressaltar que a relação entre migração interna e desenvolvimento é complexa e multifacetada. Outros fatores, como políticas públicas, infraestrutura, acesso a serviços básicos, entre outros, também desempenham um papel fundamental no processo de desenvolvimento econômico. Desse modo, as perspectivas econômicas da migração, por si só, não são capazes de fornecer uma explicação abrangente e completa para todos os aspectos da migração interna e desenvolvimento no Brasil, mas pode ajudar a compreender algumas das dinâmicas subjacentes. Características individuais, domiciliares, comunitárias e institucionais determinam a migração, em um processo multicausal⁵⁰. Isso é importante para entender como diferentes níveis de análise afetam as migrações.

3. Analisando as migrações internas no Brasil

Até o final dos anos 1960, as migrações eram predominantemente de longa distância, especialmente os fluxos originados na região Nordeste em direção ao Sudeste e, em outros momentos, para o estabelecimento na fronteira agrícola e no estado do Maranhão. O fluxo do Nordeste para o Sudeste manteve-se constante ao longo de décadas, com um crescimento notável a partir de 1940⁵¹, intensificando-se ainda mais após a grande

⁴⁸ MYRDAL, Gunnar. *Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1968.

⁴⁹ SANTOS JÚNIOR, Enestor da R. et al. Migração, seleção e diferenças regionais de renda no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 35, n. 3, p. 299–331, 2005. JUSTO, Wellington R.; SILVEIRA NETO, Raul M. Quem são e para onde vão os migrantes no Brasil? O perfil do migrante interno brasileiro. *Revista da ABET*, v. 8, n.1, p. 125–44, 2009. CORREIA, Isac A.; OJIMA, Ricardo. Migração e seletividade no estado do Espírito Santo e na Região Metropolitana da Grande Vitória: considerações a partir do Censo Demográfico de 2010. *Geografares*, v. 24, p. 40–57, 2017a.

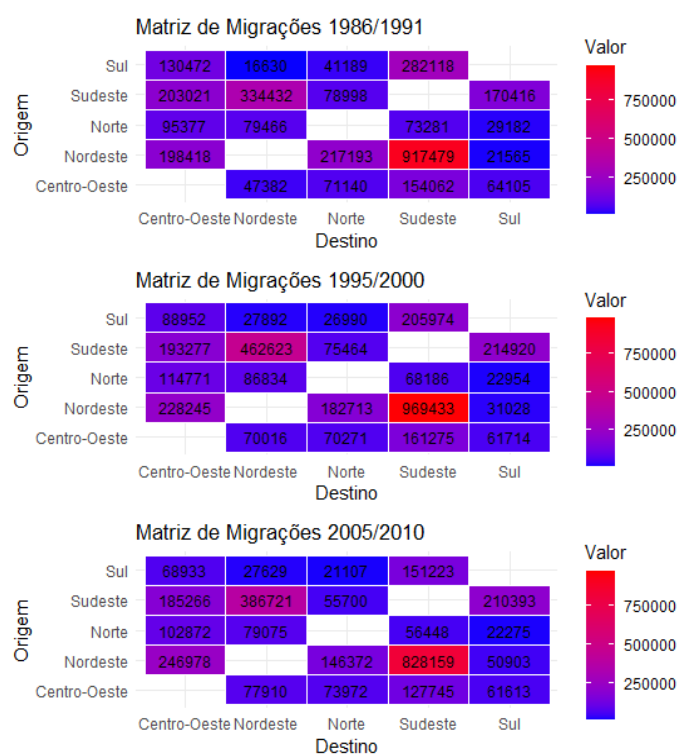
⁵⁰ HUGO, Graeme. Environmental concerns and international migration. *Int. Migr. Rev.*, p. 105–31, 1996.

⁵¹ GRAHAM, Douglas H.; HOLANDA FILHO, Sérgio B. As migrações inter-regionais e urbanas, e o crescimento econômico do Brasil. Trad. José Alexandre Robatto Orrico. In: MOURA, H. A. (org.). *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, p. 733–58.

seca de 1950⁵². No entanto, a partir da década de 1970, observou-se um período de inflexão nas tendências demográficas, com uma redução na emigração de nordestinos para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná⁵³. Isso provocou uma mudança na compreensão da literatura sobre migrações internas no Brasil, que passou por uma transformação significativa⁵⁴.

Por outro lado, isso pouco tem se alterado de acordo com os três últimos censos demográficos que temos disponíveis, uma vez que o número de indivíduos nordestinos em direção a praticamente todas as outras regiões do país é maior do que o inverso. Os dados apresentados na Figura 1 também foram discutidos por Nunes et al⁵⁵. Como justificativa para esses resultados, os autores argumentam que há uma “concentração regional do desenvolvimento econômico” e elevado crescimento populacional no país, que levaram em conjunto a um estímulo das migrações em direção ao Sudeste⁵⁶.

Figura 1 - Matrizes migratórias para as regiões do Brasil nos quinquênios 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010.



Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

⁵² BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. *Anais...* Caxambu, Minas Gerais: ABEP, p. 1–44, 2000.

⁵³ CAMARANO, Ana A.; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. *R. bras. Est. Pop.*, v. 15, n. 2, p. 45–65, 1998.

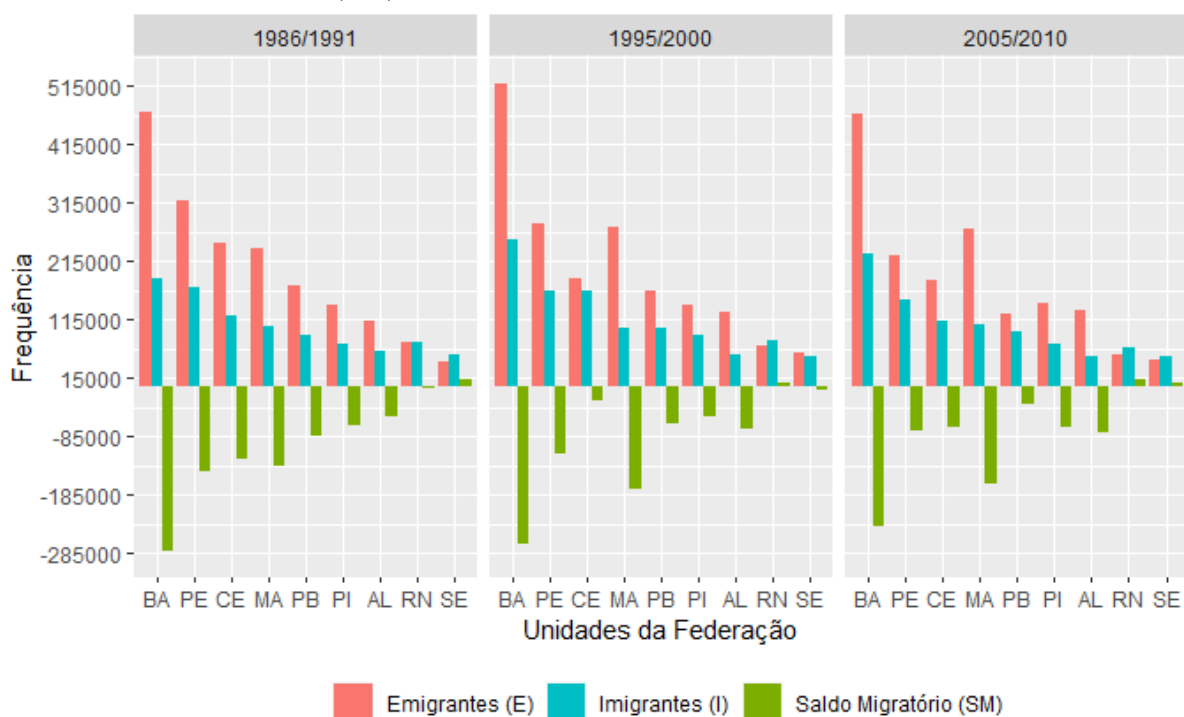
⁵⁴ CORREIA, Isac A. *Migração e fecundidade como respostas multifásicas à seca de 2011-2016 no Seridó Potiguar*. 264f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2023.

⁵⁵ NUNES, Erivelton S. et al. Migração inter-regional no Brasil: o que há de novo? *Rev. Desenv. Econ.*, v. 2, n. 37, 2017.

⁵⁶ *Idem*; p. 396-7.

Observa-se, por outro lado, um aumento na migração de retorno do Sudeste para o Nordeste. Esse fato é justificado pela literatura como consequência da desconcentração da atividade produtiva, que culminou em investimentos em outras regiões do país além do Sudeste, inclusive no Nordeste. Isso teve como resultado uma queda na atratividade sobretudo da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)⁵⁷. Mesmo assim, a região Sudeste permanece sendo a principal área de atração de migrantes, especialmente os nordestinos⁵⁸. A Figura 2, desse modo, mostra que para praticamente todas as Unidades da Federação (UF) nordestinas os saldos migratórios permanecem negativos, reafirmando o papel da região como uma área de expulsão populacional.

Figura 2 - Nordeste: Unidades da Federação segundo o número de imigrantes, emigrantes e saldos migratórios nos quinquênios 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010.



Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.

No entanto, é notável a escassez de pesquisas dedicadas a compreender os motivos por trás dessa significativa migração em massa do Nordeste para a região Sudeste. Essa

⁵⁷ CANO, Wilson. Concentração e desconcentração industrial no Brasil: 1970/95. *Economia e Sociedade*, v. 6, n. 1, p. 101–41, 1997. BRITO, Fausto. Minas e o Nordeste, perspectivas migratórias dos dois grandes reservatórios de força de trabalho. In: II Encontro Nacional sobre Migração. *Anais...* Belo Horizonte, Minas Gerais: ABEP, 1999. QUEIROZ, Silvana N. *Migração para o Ceará nos anos 90*. 139f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB: UFPB, 2003.

⁵⁸ NUNES, Erivelton S. et al. Migração inter-regional no Brasil: o que há de novo? *Rev. Desenv. Econ.*, v. 2, n. 37, 2017. BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. *Anais...* Caxambu, Minas Gerais: ABEP, p. 1–44, 2000.

lacuna pode ser atribuída à falta de perguntas específicas sobre essas motivações nas pesquisas oficiais, como os censos demográficos, com exceção de algumas pesquisas isoladas, como o estudo de Patarra et al.⁵⁹ e o trabalho de Oliveira e Jannuzzi⁶⁰ com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2001. Além disso, é possível que a predominância de abordagens econômicas nos estudos sobre o fenômeno migratório tenha contribuído para essa limitação⁶¹. Mesmo na PNAD de 2001, por exemplo, as opções de resposta para as motivações dos migrantes eram escassas, limitando respostas relacionadas ao trabalho, estudo, saúde e acompanhamento familiar⁶².

As migrações internas no Brasil estão intimamente ligadas a questões estruturais que impactam o desenvolvimento econômico do país. Ao longo do tempo, esses fluxos migratórios refletiram desigualdades regionais, disparidades socioeconômicas e limitações estruturais que afetaram as oportunidades de emprego, acesso a serviços básicos e qualidade de vida. A concentração de migrações de longa distância em direção ao Sudeste, por exemplo, evidenciou as disparidades de desenvolvimento entre as regiões, com a região Nordeste enfrentando desafios socioeconômicos significativos. Além disso, as migrações internas também têm influência na dinâmica demográfica e no mercado de trabalho, moldando a distribuição populacional e a disponibilidade de mão de obra em diferentes áreas do país⁶³.

Sem dúvidas, o processo de colonização deixou marcas nas estruturas socioeconômicas locais, em que a terra é distribuída de forma desigual na região. Nesse cenário de migrações internas e desenvolvimento econômico desigual, é importante destacar o papel das estruturas de poder e das relações de trabalho que emergem nesse contexto. Muitas vezes, as famílias que não possuem propriedade de terras encontram-se em uma posição vulnerável, sujeitas a relações de dependência e exploração por parte das elites locais. Um exemplo disso é o regime de colonato, no qual elas se submetem a um arranjo no qual cedem parte de sua colheita como pagamento pelo uso da terra para

⁵⁹ PATARRA, Neide et al. *Migrações, condições de vida e dinâmica urbana*. 1 ed. Campinas: Instituto de Economia Unicamp/Fapesp, 1997. 574p.

⁶⁰ OLIVEIRA, Kleber F.; JANNUZZI, Paulo M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. *São Paulo em Perspec.*, v. 19, n. 4, p. 89–113, 2005.

⁶¹ OLIVEIRA, Kleber F.; JANNUZZI, Paulo M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. *São Paulo em Perspec.*, v. 19, n. 4, p. 89–113, 2005. RIGOTTI, José I. R. Dados censitários e técnicas de análises das migrações no Brasil: avanços e lacunas. In: CUNHA, J. M. P. (Org.) *Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2011.

⁶² CORREIA, Isac A. *Vulnerabilidade e adaptação no Seridó Potiguar: a (i)mobilidade e estratégias domiciliares*. 124f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Demografia e Ciências Atuariais. Natal, RN: UFRN, 2018.

⁶³ QUEIROZ, Silvana N. *Migração para o Ceará nos anos 90*. 139f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB: UFPB, 2003.

estabelecer uma moradia e realizar o plantio⁶⁴. Essa forma de trabalho agrícola, embora tenha possibilitado o acesso à terra para alguns indivíduos, também resultou em condições precárias de trabalho, limitações econômicas e dependência dos proprietários de terra. Essas relações desiguais reforçam as disparidades socioeconômicas e dificultam a mobilidade social, perpetuando ciclos de pobreza e desigualdade⁶⁵.

Outra explicação amplamente discutida na literatura é o papel das secas na região Nordeste, que contribuem para acentuar a saída de nordestinos para outras regiões do país. Nos períodos de estiagem mais intensa, mesmo aqueles que possuíam pequenas propriedades de terra eram influenciados a vendê-las por valores defasados⁶⁶, resultando no aumento dos latifúndios e na substituição da produção familiar pela criação de gado, o que agravou ainda mais o problema fundiário na região⁶⁷. Mesmo quando ocorreu uma modernização da agricultura por meio da introdução de sistemas de irrigação para enfrentar os períodos de seca, essas estruturas de desigualdade persistiram. Essas peculiaridades do contexto nordestino contribuíram para um processo contínuo de emigração da população em busca de trabalho e melhores oportunidades em outras regiões do país. Assim, as secas e as consequentes transformações socioeconômicas na região Nordeste desempenham um papel significativo nas migrações internas e no desequilíbrio regional, influenciando a dinâmica migratória e as disparidades de desenvolvimento entre as diferentes áreas do Brasil⁶⁸.

A questão demográfica, ademais, é um fator que sempre ficou muito implícito nas teorias de desenvolvimento econômico, muitas vezes assumido como um choque exógeno. Nesse contexto, os domicílios ou indivíduos respondem a um choque de renda em função da disputa por recursos naturais em regiões de alta densidade populacional⁶⁹. Dentro de uma estrutura de subsistência dos domicílios, as abordagens microeconômicas entendem a migração como uma estratégia para diversificar os riscos, empregando a mão de obra em outras regiões, podendo inclusive beneficiar as regiões de origem com o envio de remessas. Isso implica em uma seletividade, não só em termos de classes, mas também no nível do

⁶⁴ ANDRADE, Manuel C. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo, Atlas, 1988.

⁶⁵ ALMEIDA, Ana C. et al. Linking migration, climate and social protection in Brazilian semiarid: case studies of Submédio São Francisco and Seridó Potiguar. *Sustentabilidade em Debate*, v. 11, p. 238–51, 2020.

⁶⁶ ANDRADE, Manuel C. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo, Atlas, 1988.

⁶⁷ ARAÚJO, Tania B. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. *Estud. av.*, v. 11, n. 29, p. 7–36, 1997.

⁶⁸ *Idem*. ARAÚJO, Tania B. Economia do semiárido nordestino: a crise como oportunidade. *Revista Coletiva*, v. 16, n. 1, p. 1–4, 2012. CORREIA, Isac A. *Migração e fecundidade como respostas multifásicas à seca de 2011-2016 no Seridó Potiguar*. 264f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2023.

⁶⁹ BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório? In: XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. *Anais...* Caxambu, Minas Gerais: ABEP, p. 1–44, 2000.

domicílio, para que estes tenham mais chances de retorno ao investimento da migração⁷⁰. Como Correia e Barbieri⁷¹ reforçam que pode haver uma espécie de poder de barganha dentro dos domicílios, em que os mais jovens, escolarizados e do sexo masculino tendem a ser escolhidos para migrar. Se a migração é entendida como uma forma de se ajustar às condições de desfavorecimento, entender as circunstâncias envolvidas na “decisão” ou na chance de permanecer na região de origem seria um problema de privação, o que é pouco explorado pela literatura.

4. Seletividade dos migrantes nas regiões de origem e de destino

Uma das afirmações dos histórico-estruturalistas como Singer⁷² é que as migrações são sempre seletivas na origem. A migração, desse modo, estaria associada a classes dominantes, geralmente homens, pessoas mais escolarizadas e de cor de pele branca. Os estudos de seletividade tendem a confirmar essas afirmações, embora comparando os migrantes com a população nativa das regiões de destino.

Com um simples exercício com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) observamos a partir da Figura 3 que não existem diferenças tão marcantes entre os migrantes inter-regionais nordestinos e entre aqueles que nunca haviam migrado até a data de referência do censo. No que diz respeito à idade, porém, é possível perceber que os migrantes estão mais concentrados nas idades de 20 a 49 anos tanto para os homens quanto para as mulheres⁷³. Essa maior parcela de indivíduos, especialmente em idade ativa, é importante para reforçar como a migração interna tende a contribuir para o rejuvenescimento das regiões de destino. Além disso, a base da pirâmide etária dos não migrantes (potenciais migrantes) residentes no Nordeste tende a complementar esse potencial que as migrações internas podem exercer como fornecedoras de mão de obra e, assim, contribuir para o crescimento econômico das outras regiões do país.

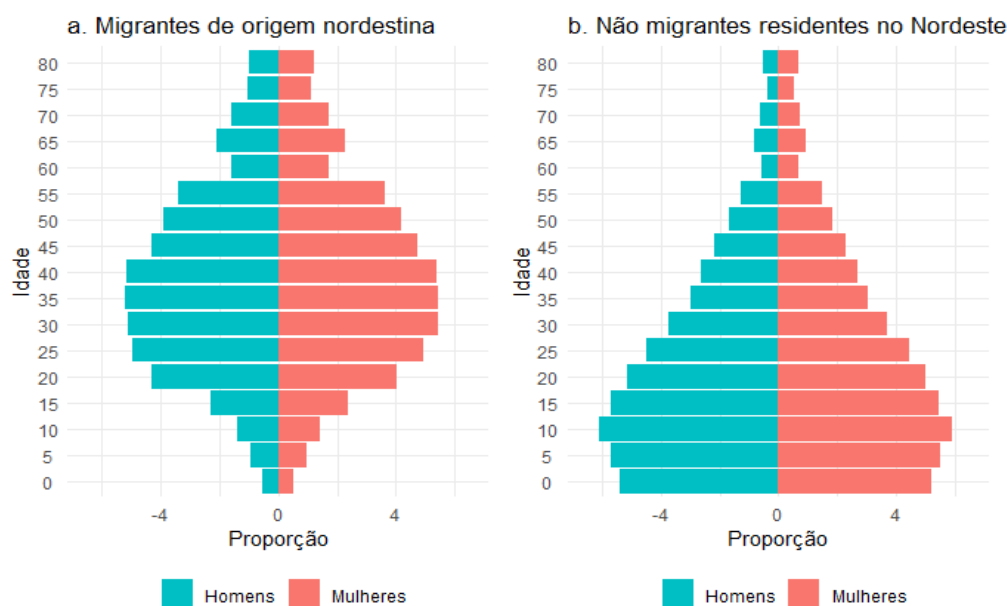
⁷⁰ CORREIA, Isac A.; BARBIERI, Alisson F. Vulnerabilidade à seca e (i)mobilidade no Nordeste brasileiro: partir ou resistir? *Sustentabilidade em Debate*, v. 10, n. 2, p. 125–41, 2019.

⁷¹ *Idem*.

⁷² SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: SINGER, P. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

⁷³ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

Figura 3 - Distribuição proporcional dos migrantes inter-regionais nordestinos e não migrantes residentes no Nordeste por idade e sexo.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2010.

Um estudo com os dados do Censo Demográfico de 2010, por sua vez, mostra que os emigrantes nordestinos são menos dependentes de atividades agrícolas e de programas de transferência de renda que os nativos que nunca saíram da região Nordeste⁷⁴. Correia e Ojima⁷⁵ também observam que cerca de 72% dos migrantes inter-regionais de 15 a 64 anos que são originários do Nordeste possuem apenas o ensino fundamental. Essa situação apresenta um desafio significativo tanto para lidar com os gastos iniciais associados à decisão de migrar quanto para lidar com a falta de habilidades necessárias para encontrar oportunidades de emprego no local de destino⁷⁶.

Dentro do campo de pesquisa das migrações internas a seletividade tem surgido como um tópico relevante. Destaca-se, especialmente, a emergente temática da feminização da migração, que surge como resultado do aumento dos direitos sociais e das oportunidades para as mulheres⁷⁷. Além disso, estudos extensivos sobre migração consistentemente demonstram que os migrantes tendem a obter maiores níveis de renda e

⁷⁴ CORREIA, Isac A.; OJIMA, Ricardo. Emigração e imobilidade no nordeste brasileiro: adaptação ou resistência? *Rev. Desenv. Econ.*, v. 3, n. 38, p. 175–92, 2017b.

⁷⁵ *Idem.*

⁷⁶ SJAASTAD, Larry A. The costs and returns of human migration. *J. Polit. Econ.*, v. 70, n. 5, p. 80–93, 1962; LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. (org.). *Migração interna, textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980, p. 89–114, 722p., 1966.

⁷⁷ CORREIA, Isac A.; OJIMA, Ricardo. Migração e (i)mobilidade no Nordeste brasileiro: adaptação para quem? *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 15, n. 5, p. 138–51, 2019.

possuem maior nível educacional em comparação com a população em geral nos locais de destino⁷⁸.

5. Xenofobia e discriminação contra migrantes internos

Outro ponto pouco explorado nas questões referentes às migrações internas no Brasil e o desenvolvimento diz respeito aos ataques xenofóbicos e situações de discriminação sofridos por migrantes. Essas questões são pouco notórias e podem passar despercebidas em um país sem restrições legais à migração interna e com uma língua universal, mas não deixam de existir diante da diversidade cultural que abriga. Silva⁷⁹ afirma que o movimento *skinhead* no Brasil se divide em duas principais ramificações. Uma delas, mais antiga, é conhecida como Carecas do Subúrbio, surgida no início dos anos 1980 em São Paulo.

Essa facção se caracteriza principalmente pelo nacionalismo extremo, um forte fascínio pelo Integralismo de Plínio Salgado e uma postura contrária à presença de estrangeiros e empresas estrangeiras no país. Além disso, eles manifestam uma grande aversão a comunistas, homossexuais, nordestinos e judeus. Esse grupo, na realidade, é uma adaptação do fascismo à realidade brasileira, incorporando todo o conservadorismo e cultura de ódio em relação ao "outro" ou ao "diferente". São frequentemente acusados de perpetuar agressões contra homossexuais, punks e militantes de esquerda. Além disso, eles possuem diversos fanzines e bandas de rock para disseminar as ideias de seu movimento⁸⁰.

Essa onda de movimentos tem influências internacionais, uma vez que a Europa passou a receber uma série de imigrantes, a maioria vinda de regiões que haviam sido colonizadas pelos próprios europeus. Esses imigrantes, com etnias diferentes das dos europeus, acabaram se estabelecendo nos subúrbios das cidades inglesas e em outras partes da Europa Ocidental, e passaram a competir por empregos escassos com a classe trabalhadora local, principalmente os trabalhadores ingleses desempregados que ocupavam os escalões mais baixos da sociedade. Essa situação gerou uma série de conflitos entre os "locais" e os "estrangeiros", pois, aos olhos dos operários desempregados ingleses, os imigrantes representavam uma ameaça constante aos seus empregos e mais um

⁷⁸ SANTOS JÚNIOR, Enestor da R. et al. Migração, seleção e diferenças regionais de renda no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 35, n. 3, p. 299–331, 2005. JUSTO, Wellington R.; SILVEIRA NETO, Raul M. Migração inter-regional no Brasil: evidência a partir de um modelo espacial. *Economia*, v. 7, n. 1, p. 163–87, 2006. JUSTO, Wellington R.; SILVEIRA NETO, Raul M. Quem são e para onde vão os migrantes no Brasil? O perfil do migrante interno brasileiro. *Revista da ABET*, v. 8, n.1, p. 125–44, 2009.

⁷⁹ SILVA, Wlisses J. F. A linguagem da intolerância e seu fruto mais extremado: um breve histórico dos skinheads no Brasil e no mundo. *Jamaxi*, v. 1, n. 1, 2017.

⁸⁰ *Idem*.

concorrente nas filas do desemprego e dos serviços sociais. Essa nova realidade levou os *skinheads* a se envolver em questões políticas, se aproximando de grupos de extrema direita e passando a enxergar os imigrantes como seus inimigos⁸¹.

Nas migrações internas no Brasil essa mesma onda de movimentos anti migrantes se reproduz, por meio de movimentos pregam o extermínio de grupos minoritários, especificamente negros, nordestinos, homossexuais e judeus⁸². Há registros também de episódios de agressão e linchamento, com ataques de muitos contra poucos que são escolhidos por serem negros, nordestinos, gays, punks ou judeus⁸³.

Ao estabelecer uma associação entre os nordestinos e pessoas consideradas degeneradas e doentes, os membros do grupo Poder Branco em São Paulo os responsabilizam pelo atraso no desenvolvimento do estado. Segundo esses *skinheads*, a crescente presença dos nordestinos, considerados bárbaros, gradualmente deteriorava, enfraqueceria e destruiria o corpo social saudável do estado de São Paulo, composto por indivíduos da raça branca⁸⁴.

6. Aspectos positivos das migrações internas

Os aspectos socioeconômicos positivos das migrações internas são analisados de forma incipiente na literatura. O primeiro ponto que argumentamos é que o papel das remessas dos migrantes internos é pouco discutido e isso, em geral, ocorre pela falta de fontes de dados. As remessas podem ter um papel importante no desenvolvimento, pois, ao invés de causar o sentimento de privação relativa nos domicílios sem emigrantes nas regiões de origem como argumentam os histórico-estruturalistas, elas podem ajudar reduzir a desigualdade social nas regiões de origem. Isso ocorre porque os domicílios que têm algum ex-morador vivendo em outra região em muitos dos casos podem ser mais vulneráveis às secas, como foi observado em alguns estudos⁸⁵.

⁸¹ SILVA, Wlisses J. F. A linguagem da intolerância e seu fruto mais extremado: um breve histórico dos *skinheads* no Brasil e no mundo. *Jamaxi*, v. 1, n. 1, 2017.

⁸² FRANÇA, Carlos E. *A violência dos grupos skinheads e a questão da segurança pública: a instituição policial e o combate aos crimes de intolerância 2001-2011*. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Marília. UNESP, 2013.

⁸³ KAHN, Tulio. O ataque Careca. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 fev. 2000, p.1-3. FRANÇA, Carlos E. *A violência dos grupos skinheads e a questão da segurança pública: a instituição policial e o combate aos crimes de intolerância 2001-2011*. 183f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Marília. UNESP, 2013.

⁸⁴ FRANÇA, Carlos E. Algumas histórias dos grupos de *skinheads* no Brasil: as múltiplas percepções, representações e ressignificações das formações identitárias dos “Carecas do Brasil” e do poder branco paulista. *Revista LEVS*, n. 5, 2010.

⁸⁵ CORREIA, Isac A. *Vulnerabilidade e adaptação no Seridó Potiguar: a (i)mobilidade e estratégias domiciliares*. 124f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Demografia e Ciências Atuariais. Natal, RN: UFRN, 2018. CORREIA, Isac A.; BARBIERI, Alisson F.

É preciso concentrar mais esforços nessa direção para entender se essas remessas de migrantes são convertidas em investimentos produtivos na região de origem ou apenas estimulam o consumo das famílias. É possível que esses recursos sejam destinados ao consumo, mesmo assim tendem a exercer um papel de reduzir as desigualdades na origem⁸⁶. Essas são questões interessantes para indagar, pois, à medida que esses recursos são introduzidos na economia dessas regiões, podem estar reforçando o papel da migração como uma forma de dependência das regiões de origem para com as regiões de destino, sejam elas municípios, regiões ou países.

Outra questão está ligada a um aspecto do perfil dos migrantes que não é discutido ou, pelo menos, é subutilizado pelos estudos de seletividade. Rigotti et al⁸⁷ mostram que a propensão a migrar para a RMSP é maior para os indivíduos de 20 a 40 anos de idade. Esse artigo também mostra que há uma prevalência de jovens migrando do Nordeste para a RMSP que, embora tenham diminuído devido a uma tendência geral de redução dos fluxos migratórios no país, esses fluxos predominam pelo menos até o Censo Demográfico de 2010⁸⁸.

De Maria e Baeninger⁸⁹ complementam esses resultados quando mostram que a parcela de migrantes ocupados formalmente no interior do estado de São Paulo é maior para os migrantes oriundos das regiões Norte e Nordeste, sendo superior até mesmo aos migrantes intermunicipais de dentro do próprio estado. Além disso, os autores mostram que as maiores proporções de ocupados na RMSP estão entre os migrantes nordestinos. Independente da origem dos migrantes internos, observa-se uma participação relevante desses indivíduos em atividades agrícolas e destinadas ao cuidado, contudo, também estão presentes outros tipos de ocupação como por exemplo no ramo da construção civil e outras atividades, dentre os quais estão desde vendedores até os gerentes⁹⁰. Isso é de extrema relevância para entender o papel da migração interna para atender a necessidade de mão de obra em outras regiões, mesmo quando destinada aos cuidados (empregadas

Vulnerabilidade à seca e (i)mobilidade no Nordeste brasileiro: partir ou resistir? *Sustentabilidade em Debate*, v. 10, n. 2, p. 125–41, 2019. CORREIA, Isac A.; OJIMA, Ricardo. Migração e (i)mobilidade no Nordeste brasileiro: adaptação para quem? *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 15, n. 5, p. 138–51, 2019.

⁸⁶ CORREIA, Isac A. *Vulnerabilidade e adaptação no Seridó Potiguar: a (i)mobilidade e estratégias domiciliares*. 124f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Demografia e Ciências Atuariais. Natal, RN: UFRN, 2018.

⁸⁷ RIGOTTI, José I. R. et al. Migrações internas no Brasil: (des)continuidades regionais à luz do Censo Demográfico 2010. *GEOgrafias*, v. il, p. 8–24, 2017.

⁸⁸ *Idem*.

⁸⁹ DE MARIA, Pier F.; BAENINGER, Rosana. Imigração em São Paulo: perfis segundo pobreza e ocupação no século XXI. *GEOgrafias*, p. 41–62, 2017.

⁹⁰ DE MARIA, Pier F.; BAENINGER, Rosana. Imigração em São Paulo: perfis segundo pobreza e ocupação no século XXI. *GEOgrafias*, p. 41–62, 2017.

domésticas, babás, cuidadores de idosos) e atividades manuais e, desse modo, consideradas como improdutivas⁹¹.

Ao mesmo tempo, as regiões receptoras passam por um processo de envelhecimento muito mais avançado, em decorrência do declínio da fecundidade, trazendo consigo problemas para a sustentabilidade do sistema previdenciário e pressões sobre os salários no mercado de trabalho. As migrações de outras regiões, desse modo, estariam contribuindo para a redução do peso da dependência de crianças e idosos sobre o sistema. A migração passa a ser encarada, nesta perspectiva, não só como uma questão de mobilidade espacial da população, mas também como um fator essencial à distribuição do fator trabalho. Essa mesma migração também é relevante para justificar pelo menos uma parte do peso que os idosos têm no Nordeste, tendo em vista o aumento da migração de retorno de indivíduos mais envelhecidos para a região em decorrência da aquisição da aposentadoria⁹². Sendo assim, nada mais justo do que gozar da velhice na sua terra natal para aqueles que renunciaram a algumas horas de lazer e contribuíram para o progresso econômico nas regiões mais desenvolvidas do país.

7. Considerações finais

Este artigo ressalta a importância dos aspectos econômicos e sociais das migrações internas no Brasil para a compreensão do seu papel no desenvolvimento econômico. Ao longo do texto, discute-se diferentes perspectivas teóricas das migrações internas, destacando suas inter-relações com as perspectivas teóricas dos campos da ciência econômica e sociais.

A abordagem econômica da migração interna destaca o papel crucial da força de trabalho migrante no desenvolvimento das regiões receptoras. Os migrantes trazem consigo habilidades e experiências que impulsionam a produção e a geração de riqueza nas novas localidades. Além disso, a teoria econômica neoclássica, representada pelos Novos Economistas da Migração e do Trabalho (NELM), ressalta que os migrantes buscam melhores oportunidades econômicas, visando aumentar sua produtividade e renda. A predominância dessas abordagens delineia a necessidade de enfatizar cada vez mais os aspectos positivos das migrações internas.

No entanto, é importante considerar que as migrações internas são influenciadas por uma variedade de fatores econômicos, sociais, demográficos e contextuais. Estudos pioneiros destacaram a relevância dos fatores econômicos, como desequilíbrios regionais e

⁹¹ DAL ROSSO, Sadi. Teoria do valor e trabalho produtivo no setor de serviços. *Caderno CRH*, v. 27, n. 70, p. 75–89, 2014.

⁹² OJIMA, Ricardo et al. O impacto da aposentadoria no retorno migratório ao Rio Grande do Norte e ao semiárido potiguar. *Informe Gepec*, v. 19, p. 6-19, 2015.

diferenciais salariais, mas também ressaltaram outros elementos na tomada de decisão dos migrantes, como fatores de expulsão, atração e neutros.

A migração interna no Brasil reflete as grandes desigualdades regionais do país, com disparidades significativas em termos de desenvolvimento econômico e social entre as regiões. A mobilidade dos trabalhadores é uma resposta a essas disparidades, com pessoas buscando melhores oportunidades econômicas em regiões mais desenvolvidas. A migração, nessa perspectiva, não é apenas uma questão individual, mas também uma manifestação de desafios socioeconômicos mais amplos que afetam determinadas regiões.

Embora a migração tenha um impacto econômico significativo, é importante reconhecer que ela também pode contribuir para o aumento da desigualdade social. A migração pode reforçar estruturas de poder preexistentes, especialmente quando as instituições na origem atuam para limitar as mudanças sociais decorrentes dos fluxos migratórios. No entanto, a migração também pode trazer benefícios sociais positivos, como o envio de remessas que contribuem para transferência de conhecimento e habilidades técnicas.

Para promover um desenvolvimento econômico mais inclusivo e equitativo, é essencial levar em consideração tanto os aspectos econômicos quanto os sociais das migrações internas. Políticas e estratégias devem buscar reduzir as desigualdades regionais, melhorar as condições de vida nas regiões de origem e destino, e facilitar a integração dos migrantes nas comunidades receptoras. Além disso, é fundamental considerar os impactos sociais das migrações, promovendo a igualdade de oportunidades e garantindo o respeito aos direitos humanos dos migrantes.

Do ponto de vista econômico, as migrações internas podem impulsionar o desenvolvimento das regiões receptoras, uma vez que os migrantes trazem consigo habilidades e experiências que podem contribuir para o aumento da produção e da geração de riqueza. A mobilidade da mão de obra permite que os trabalhadores se desloquem para áreas onde suas habilidades são mais valorizadas, o que resulta em uma alocação mais eficiente dos recursos produtivos. Isso pode levar a um aumento da produtividade, da competitividade e do crescimento econômico nas regiões receptoras.

Ao mesmo tempo, as migrações internas podem estimular a demanda por bens e serviços, impulsionando o desenvolvimento do setor empresarial local e gerando empregos. Os migrantes muitas vezes se tornam consumidores e contribuem para a dinamização da economia das regiões de destino. Dessa forma, as migrações internas podem atuar como um mecanismo de equalização das disparidades regionais, promovendo a convergência econômica entre diferentes áreas do país.

No entanto, é importante ressaltar que as migrações internas também apresentam desafios e demandam a adoção de políticas adequadas. A falta de infraestrutura, serviços públicos e oportunidades de emprego nas regiões receptoras pode levar à concentração de migrantes em áreas urbanas já sobrecarregadas, resultando em problemas como a formação de favelas, a precarização do trabalho e a exclusão social. Para que as migrações internas contribuam efetivamente para o desenvolvimento econômico, é necessário investir em infraestrutura, educação, saúde e outros serviços básicos nas regiões receptoras, proporcionando condições adequadas de vida e trabalho para os migrantes.

Além disso, a mobilidade populacional pode afetar a estrutura demográfica das regiões envolvidas, impactando a composição etária, o equilíbrio entre homens e mulheres e a dinâmica familiar. Também podem surgir desafios relacionados à integração dos migrantes nas comunidades receptoras, incluindo questões de identidade, pertencimento e preconceito.

As migrações internas no Brasil apresentam tanto desafios como oportunidades. Ao considerar os aspectos econômicos e sociais, é possível adotar uma abordagem abrangente que promova um desenvolvimento mais equilibrado e sustentável, reduza as desigualdades regionais e melhore a qualidade de vida dos migrantes e das comunidades receptoras. Isso requer a formulação de políticas públicas adequadas, o investimento em infraestrutura e serviços básicos, a capacitação dos migrantes, a promoção da integração social e cultural. Investir em infraestrutura nas regiões receptoras é essencial para proporcionar condições adequadas de vida e trabalho aos migrantes, fortalecendo a capacidade produtiva dessas regiões. Além disso, a capacitação e qualificação profissional dos migrantes são fundamentais para que eles possam acessar melhores oportunidades de emprego e contribuir para o desenvolvimento econômico.

Recebido em 02 de março de 2025.

Aceito em 10 de junho de 2025.